



22º Domingo depois de Pentecostes (16.10.05) Próprio 24

1ª leitura - Isaías 45.1-7

Consta que, entre os documentos antigos, nas inscrições gravadas num cilindro de barro há referência ao deus Marduk haver designado Ciro para derrubar o poder da Babilônia. O programa político do rei persa consistia em fortalecer a colonização por meio de concessão de certa autonomia local e respeito às culturas dos povos. Os estudiosos destacam a semelhança entre o documento não-bíblico e o texto de Isaías em dois pontos. (a) Um deus não-babilônico designa Ciro para trazer justiça aos povos daqueles dias; (b) Os dois textos mostram o uso do ritual da entronização do rei. Embora haja essas semelhanças, o texto de Isaías não está na dependência das inscrições. Elas vieram a ser inscritas após a vitória do Ciro. (cf. Westermann)

No texto de Isaías, vemos a seguinte estrutura:

- 1) Ciro é ungido de Deus
- 2) Deus o tomou pela mão (isto é, o confirmou no cargo.)
- 3) Chamar pelo nome é a concessão de título honorífico e fazia parte do ritual da entronização das grandes potências da época.
- 4) Deus lhe deu o nome de honra, sobrenome.
- 5) Deus o revestiu, isto é, investidura do rei.

Ciro recebe comissionamento para cumprir o propósito de Yahweh. Mas seu poder e autoridade são limitados. Um limite é imposto sobre Ciro. É para cumprir uma função em favor da libertação de Jacó/Israel. Em contraste com II Samuel 7, onde se lê "construirei uma dinastia para você" (Davi), vemos aqui a liberdade de Deus em ungir um rei (Messias, no hebraico, e Cristo, no grego) não só não-davídico, mas também gentílico, para a libertação de Israel. É interessante observarmos que, em contraste com Isaías 1 a 39, (ver Is 9 e 11), nos capítulos 40 a 55 (Isaías II) o que prevalece como agente de Deus não é mais uma figura de monarca, mas de um servo ou escravo (ver Is 53).

Em poucas palavras, Deus tem a liberdade de ter como seu agente um rei pagão, que adora ídolos. É possível que os primeiros ouvintes tenham escutado esse anúncio com espanto. É uma dupla surpresa no sentido que onde não havia luz, houve uma luz e esse é um gentio, sem credenciais messiânicas. Jesus de Nazaré (de Nazaré?) também não tinha credenciais aos olhos de seus contemporâneos.

No que se refere à descrição de Deus, há grande ousadia. Ele cria tanto a luz como trevas, é soberano sobre a vida e morte, o bem e o mal. Com isto, descarta-se todo dualismo.

Aqui, em Dêutero-Isaías encontramos uma visão do Deus para todos os povos. Não importa se outros adoram ídolos e outros deuses. Todos são criados à imagem de Deus e Deus é o Deus sobre todos. Cabe aos cristãos ser fiéis a esse Deus na sua adoração e não criar e adorar seus ídolos. Deus está acima do que os cristãos falam sobre Deus e acima da adoração que os cristãos prestam a Deus. É, por isso, que Deus pode renovar a Igreja e o mundo. Por isso, a jornada da fé é uma grande



ousadia no diálogo com Deus e uns com os outros no contexto em que se vive (*Dom Sumio Takatsu*).

2ª leitura - I Tessalonicenses 1:1-10

As primeiras palavras após a saudação nas cartas paulinas são eucarísticas, engrandecimento com gratidão dirigido a Deus, sendo Gálatas uma exceção. Faz parte da ação de graças a Igreja de Tessalônica. O apóstolo dá graças a Deus pela recepção do Evangelho naquela cidade. Em síntese, a Igreja faz parte de uma série de itens da ação de graças que damos a Deus. Encontramos coisa semelhante na Oração Eucarística, na página 76,...e nos fizeste dignos de estar diante de Ti. No texto de Tessalonicenses, é lembrada a ação diacônica de amor, que nasce da confiança / obediência (fé) em Deus.

A relação entre o apóstolo e a Igreja é muito amistosa, fraterna e de boa vontade. Paulo fala na fé ativa, no amor sacrificado e esperança perseverante da Igreja (membros) (v.3) Conforme o vs. 5, ali naquela comunidade o Evangelho se tornou vida, vivência da fé e não apenas palavras, discurso.

v.6 - a conversão deles redundou em se tornar um centro irradiador do Evangelho nas circunvizinhanças. Voltar ao Senhor ou girar em torno Dele deve expressar-se em missão. Outro ponto importante no texto é que ela está sendo missionária sem a presença do apóstolo.

A linguagem com que se expressa a conversão deles é tradicional da Bíblia, o afastamento dos ídolos e retorno ao verdadeiro Deus. Os ídolos são a absolutização das obras e da imaginação humana. Na antigüidade, os ciclos naturais da fertilidade eram feitos símbolos absolutos. Sistemas, ideologias, administração, mercado podem ser absolutizados a tal ponto de receber a adoração. São ídolos sem ou com imagens físicas.

Ainda um outro ponto importante é a visão que orienta o serviço e a evangelização. O horizonte que atrai a Igreja e para o qual a Igreja caminha.

A Epístola nos sugere, entre outras coisas, o sentido da evangelização. Vemos que o Evangelho (Cristo) em ação no meio dos tessalonicenses e não ficou apenas em discurso. E o termo serviço requer certa qualificação pois estamos acostumados a dizer que os ministros ordenados são ordenados para servir. Está correto, mas é preciso ver que o serviço é uma forma de "mediação". É muito certo dizer que a vocação vem de Deus. E se isso for esquecido tudo será comprometido. Mas há um ponto importante. Dentre os membros da comunidade batismal uns são chamados para... (ver Ef 4), para determinadas funções ou ministérios com vistas ao equipamento de toda a comunidade a ser manifestar como o corpo de Cristo no mundo. Essa vocação é reconhecida pela Igreja (comunidade - koinonia) em diversos níveis. Após a ordenação, esse reconhecimento continua na forma de recepção, isto é, na forma de participação. É claro que a questão é complexa. (por isso, é bom sempre examinar para meditação o Rito Batismal e Ordinal, pelo menos).

Isso é sugerido na implicação do relacionamento entre as pessoas: Paulo, Silas e Timóteo, de um lado, e de outro, a acolhida deles (v.9) por parte da Igreja de Tessalônica. O alvo final da missão é aguardar a plenitude do reinado de Deus, isto é,



ser o seu ponteiro, seu testemunho. Entrementes antecipamos esse reinado (temos o aperitivo) na celebração, na fraternidade, no serviço, no testemunho. O relacionamento uns com os outros em termos de serviços diversos (ministério) articula a Missão. (*Dom Sumio Takatsu*).

Evangelho - Mateus 22.15-22

O que aparece na narrativa evangélica é o conflito entre o Reino de Deus e seus oponentes. Os oponentes são representados pelos fariseus e herodianos. Os herodianos estão no poder como agentes do Império romano. Sua manutenção no poder depende muito da ordem interna de Israel. Assim, qualquer movimento messiânico era uma ameaça. Os fariseus eram intérpretes da Lei e da tradição de Israel. Entre eles havia simpatizantes ou tolerantes para com Jesus, por exemplo, Nicodemos, José de Arimatéia, e Gamaliel (Atos dos Apóstolos 5:34ss).

Os fariseus planejaram expor Jesus a alguma contradição. Para tanto, apelaram a uma questão econômica e nacionalista: o pagamento de impostos ao império romano. Se Jesus dissesse que não deveria ser pago, seria acusado de crime contra o Império. Se dissesse deveria ser pago, então, estaria aceitando a dominação imperial.

Aparentemente, toda a conversa nos mostra que Jesus, ao responder “daí a César o que é dele a Deus o que é de Deus”, colocou os fariseus e os herodianos como grupos que traçam uma linha divisória entre Deus e César. Porém há mais coisas aí. Quando Jesus perguntou de quem é a imagem na moeda, levanta-se outra questão para seus oponentes. O ser humano foi feito à imagem de Deus, a cabeça humana pertence a Deus e isso não pode ser dado a César. A Deus pertence toda a criação. Esse senhorio não poderá ser transferido ao Estado. Como em Isaias o Estado (no caso, Ciro) é limitado. No Evangelho, o exercício do poder tem sua referência no serviço, no despojamento do Filho para servir (Fp 2:4ss; Mc 10:35ss; Mt 20:20ss.). Assim, o totalitarismo e a fé cristã não se coadunam. Do mesmo modo, o autoritarismo impede o serviço autêntico. Então, as questões políticas não são neutras.

O Evangelho não apresenta qualquer idéia de anarquia mas também não propõe obediência cega e acrítica aos poderes políticos. No Evangelho de S. João, a conversa entre Jesus e Pilatos nos mostra que o Estado, para sua manutenção, crucificou Jesus. É bom ter sempre em mente que há uma visão relativamente otimista quanto ao Estado em Romanos 13 e 1 Pedro, mas bastante negativa em Apocalipse.

O imposto faz parte da cidadania (Mt 17.24ss, não se conclui taxativamente, mas...) e é uma maneira de colaborar na distribuição mais justa das rendas num mundo que gera desigualdades. Cumpre aos cidadãos fiscalizar a elaboração dos orçamentos e sua aplicação justa. É claro que é inviável a todos os indivíduos tal fiscalização. Cabe ao poder legislativo em três níveis essa tarefa. Por isso, é necessário eleger bons vereadores/as, deputados/as estaduais e federais. Também cabe aos cidadãos estar atentos para que o Estado ou grupos não violem os direitos humanos. Numa sociedade pluralista há posições partidárias e elas devem ser respeitadas, mas não cabe às Igrejas promoverem este ou aquele partido. A todos os



Centro de Estudos Anglicanos



cristãos e cristãs cabe a promoção do exercício da cidadania e dos direitos humanos, conforme o Batismo: respeitar a dignidade de todo ser humano. (*Dom Sumio Takatsu*)